

## Editorial

# Giordano Bruno, um agitador das consciências libertárias

por Manuelita Sánchez Ortiz y Wilson Sánchez Jiménez

Giordano Bruno nasceu quatro anos depois da morte de Camillo, em 1548. Entrou na ordem dominicana em 1563. Educado no convento dominicano de Nápoles, sua educação deve ter incluído uma intensa concentração na arte da memória, como congestionado, fusões e complicações que nessa tradição tinham crescido ao sotavento dos preceitos ad herenianos, como os encontramos nos tratados de Romberch e Rosellius, entraram em tropel nos livros brunianos sobre a memória. Segundo as palavras que, tomando-as dos próprios lábios de Bruno, observou o bibliotecário da abadia de São Victor de Paris, Bruno já era conhecido como um especialista em memória antes de deixar a Ordem Dominicana (Yates, 2005).

O filósofo Giordano Bruno, ruminado no silêncio monumental das abadias de pedra, todos os textos fundamentais do período clássico da Grécia luminosa; durante anos de leitura rigorosa e retiros espirituais, dedicou-se a estudar em profundidade toda a teoria ética, física e lógica da tradição antiga, com isso conseguiu sacudir os postulados teológicos do estabelecimento da instituição eclesial (a igreja católica). A expulsão de Giordano Bruno da ordem Dominica, indicada como herege; sua perseguição e subsequente condenação do fogo, pelas altas hierarquias da igreja, deixa em evidência o dogmatismo e o violento exercício dessa instituição sobre aqueles que afirmavam naquela época uma concepção diferente do mundo.

A morte de Bruno, até hoje, continua a demonstrar ao mundo inteiro que os discursos hegemônicos anulam o poder de fazer as pessoas viverem e morrerem, impor a noção de verdade sobre as minorias às majorias, e isso permanece uma constante nas relações de poder que os poderosos impuseram em sangue e fogo aos povos de todo o planeta.

A morte de Giordano Bruno mostra a censura levada a cabo pela Igreja Católica no século XVI contra aqueles filósofos, cientistas, estudiosos e outros que se opuseram às pretensões hegemônicas da Igreja e questionaram os juízos de valor emitida por esta instituição aliada aos poderes dominantes, como podemos ver no livro *Giordano Bruno: A arte da memória*, citada acima.

Angel J. Cappelletti no prólogo do livro “Sobre o universo infinito e os mundos” mostra algumas características da personalidade de Guordano Bruno: “Bruno elogia, indubitavelmente, em Copérnico a concepção heliocêntrica, mas o repreende por não ter extraído todas as consequências cosmológico que, de acordo com sua própria interpretação, deve ser extraído dele. Conseqüentemente, com uma certa impudência muito renascentista, que se abriga apenas em citações poéticas e considerações retóricas, ele então faz um elogio incondicional de si mesmo e da própria filosofia: “Aqui está aquele que abraçou o ar, penetrou o céu, viajou as estrelas, cruzou os limites do mundo, fez desaparecer as paredes fantásticas do primeiro, oitavas, novenas, décimos e outras esferas, que poderiam ter sido adicionadas, de acordo com as opiniões da vaidade matemática e a visão cega dos filósofos vulgares “. Ele abriu os claustros da verdade, despiu a natureza oculta, deu vista aos cegos, soltou o mudo, fez o coxo do espírito andar. Para ele, sabemos que, se vivéssemos na Lua ou nas estrelas, não habitaríamos um mundo melhor, mas talvez pior do que esse. Graças a ele, sabemos da existência de milhares de eixos estelares que contemplam o universal, eterno e infinito eficiente; nossa razão já não está aprisionada pelos grilos de celulares e motores fantásticos; sabemos que existe apenas um imenso céu, no qual as estrelas se movem e participam da vida perpétua. Descobrimos, com ele, o efeito infinito da causa infinita e aprendemos a não procurar longe de nós a divindade, que está dentro de nós e mais perto de nós do que nós mesmos. (Bruno, 1584)

O professor Ángel J. Cappelletti surpreende-se de algumas passagens de Bruno, em relação à ideia do mesmo universo que o filósofo sustentou, isto é, uma série de negrito mas consequências lógicas, refletidas nas seguintes linhas em você de Cappelletti: O universo, na medida em que é formado por uma única alma, constitui um todo ou, para melhor, um todo animado. O universo é, então, um animal grande e sagrado: animal, porque dotado de auto-movimento e vida; grande, porque inclui todos os seres em si e preenche todos os espaços possíveis; sagrado, porque a sua alma, isto é, o ser do seu ser, é Deus. Além disso, todas as coisas que compõem o universo são dotadas de alma e vida, pois em todas elas existe uma forma que é o começo de seu próprio movimento. “Tudo está cheio de deuses”, exclamou Bruno, como se diz, exclamou Thales. “Há também deuses aqui”, ele poderia ter respondido às objeções de seus adversários, como Heráclito exclamou, convidando seus visitantes a se aproximarem do fogo. “Qualquer coisa, por pequena e mínima que seja”, diz Bruno, “tem em si uma parte da substância espiritual que, se encontrar o sujeito disposto, se desenvolve em planta ou animal e recebe os membros de um corpo que, por o que é comum é chamado de animado: porque o espírito é encontrado em todas as coisas e não há um corpúsculo mínimo que não contém em si uma parte que o anima. “(Bruno, 1584)

Os postulados cosmológicos de Bruno, além de ser uma objetividade científica que questionava toda a estrutura teórica da Igreja, foram recebidos pelo poder eclesiástico, como razões negativas para o poder instituído da Igreja Católica, pois permitiram vislumbrar que Sendo esta instituição tão importante na época, diferentes abordagens poderiam ser geradas para os eclesiásticos.

A lista de acusações contra Bruno pelas cortes eclesiásticas unilaterais da época pode ser resumida da seguinte forma:

1. Ele tinha opiniões diferentes da fé católica, para falar contra ela e seus ministros
2. Para ter opiniões diferentes sobre a fé católica na trindade, a divindade de cristo e a reencarnação não entenderam que o espírito santo era uma terceira pessoa.
3. Eu acreditava que a vida de Deus não é eterna
4. Existem vários mundos
5. O pecado original negou a presença de Cristo na Eucaristia

### **A caminho da conclusão**

Nos tempos atuais, Giordano Bruno deixa a história para se tornar efetiva na atual situação política da Colômbia, porque, como todos sabem, o discurso hegemônico dos poderes violentos que governam o planeta hoje e em particular a Colômbia, estabeleceram um tipo de verdade unânime que finge não ser questionada, não introvertida, não denunciada, não revelada. Mesmo a Igreja e o Estado continuam a identificar o pensamento autônomo e autônomo da sociedade, das comunidades como um elemento perigoso que deve ser invocado pelo poder coercitivo. Conhecimento é poder, educação, idéias homens e mulheres livres representam um perigo para esse tipo de poder factual que despreza a vida e cultiva as coisas. As vozes dos oprimidos, clamam por justiça, clamam por verdade e reparação, clamam por paz estável e duradoura, clamam por um mundo entre humanos, humanos demais humanos. Giordano Bruno é um verdadeiro agitador das consciências de todos os tempos e será evocado por seu pensamento libertário diante das verdades seladas pelos discursos hegemônicos.

### **Bibliografia**

Bruno, G. (1584). Sobre el infinito universo y los mundos. Londres: Aguilar segunda edición.

Yates, F. A. (2005). El arte de la Memoria. Madrid: Ediciones Siruela S. A.